

**DOSSIÊ -PROCESSOS EDUCATIVOS/CURRICULARES DAS INFÂNCIAS POR
ARTEFATOS CULTURAIS :
Apresentação**

Constantina Xavier Filha¹
Danilo Araujo de Oliveira²
Rita de Cássia Prazeres Frangella³

Literatura, filmes, canais do YouTube, brinquedos, brincadeiras, whatsapp...O que esses artefatos culturais têm a ver com as infâncias? Quais as conexões entre eles e os modos como se ensina às crianças no presente? Serão esses artefatos, quando direcionados às infâncias, inocentes ou apenas recreativos e lúdicos? Essas são perguntas que há algum tempo têm sido tomadas para pensar como ocorrem os processos de subjetivação infantil a partir dos artefatos culturais. Neste dossiê um grupo de pesquisadores/as foram mobilizados/as para pensar a ampliação dos processos educativos e curriculares para além do espaço escolar. As infâncias também têm se constituído através deles, algumas vezes em consonância com aquilo que é ensinado nas escolas, outras entrando em disputas. Por isso, não podem ser desconhecidos por nós, educadores/as, professores/as e investigadores das infâncias e suas relações com o currículo e a educação. Portanto, o objetivo desse dossiê foi reunir investigações e pesquisadoras/es que se preocupam com o funcionamento desses artefatos culturais e seus processos educativos para as infâncias.

São apresentados um conjunto de 13 textos, com 27 autores de 18 instituições, além de uma entrevista que traz experiência desenvolvida na

¹ Professora Titular da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Coordenadora do GEPSEX - Grupo de Estudos e Pesquisas em Sexualidades, Educação e Gênero - CNPq/UFMS. Diretora e Produtora de filmes de animação produzidos com crianças de escolas públicas de Campo Grande/MS. <https://orcid.org/0000-0002-7431-5123>. Contato: tinaxav@gmail.com

² Professor Adjunto da Universidade Federal do Maranhão. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Currículos e Culturas (GECC) e do Observatório da Juventude. <http://orcid.org/0000-0003-3222-3172> Contato: oliveira.danilo@ufma.br

³ Professora Titular da Faculdade de Educação da Universidade do estado do Rio de Janeiro. Coordenadora do programa de Pós-Graduação em Educação - Proped/UERJ. Coordena o GRPEsp/CNPq Currículo, formação e educação em direitos humanos. Procientista UERJ/FAPERJ, Cientista do Nosso Estado/FAPERJ, Bolsista de produtividade em pesquisa/CNPq. <http://orcid.org/0000-0001-6392-4591> Contato: rcfrangella@gmail.com

Espanha, o que demonstra um amplo alcance que as pesquisas sobre esses artefatos têm ganhado no Brasil e no exterior. A partir desse material apresentado, esperamos provocar outras reflexões e problematizações sobre os efeitos e impactos na produção da subjetividade infantil.

Lançar um olhar sobre esses artefatos culturais é entender que esses são arte feita, com objetivo, com intencionalidade e com modos específicos de direcionamento do olhar, dos sentimentos para capturar e produzir as infâncias no presente. Assim, ainda que brincando, as crianças estão aprendendo algo, estão fazendo uma dobra da exterioridade com os saberes que lhes são apresentados como bons, corretos e verdadeiros. Os modos como isso é feito, dado seu caráter afetivo, aspectos que remetem a ludicidade acabam por, talvez, convencer e ensinar as crianças com mais eficácia que as próprias pedagogias escolares.

É preciso notar que mesmo se tratando de artefatos que não são diretamente escolares não significa que eles não fazem conexão com as pedagogias escolares. Isso porque, primeiramente eles podem se fazer presentes nas escolas de diversos modos: quando as crianças levam aquilo que com eles aprendem para as aulas e para o currículo escolar interpelando e/ou contrapondo os modos como a escola ensina sobre algo. Os próprios docentes, quando cientes de como esses artefatos ensinam, podem mobilizá-los para problematizar e/ou reiterar o que pretende ensinar com as pedagogias escolares. As famílias também podem fazer usos específicos para educar as crianças com esses artefatos. De modo que a mobilização dos artefatos pode ter fim e atravessamentos variados com as pedagogias da escola. Por isso, a importância de torná-los objetos de investigação e problematização. Algo sobre o qual este dossiê se debruça.

Nesse sentido, há um pressuposto nos textos que são aqui apresentados: a educação ocorre na escola e fora dela. O campo dos Estudos Culturais nos proporciona pensar que o ato de ensinar e aprender possa ocorrer em quaisquer espaços sociais e com instrumentos que nem sempre foram pensados como mediadores educativos. Fabiana Marcello e Rosa Fischer (2011) corroboram com

o referido pressuposto ao afirmarem que a “*educação* não se limita mais a ser um sinônimo de *escola*, já que diversas instâncias da cultura hoje se ocupam, das mais diferentes formas, em produzir, em formar, enfim, em educar sujeitos” (p. 506).

A educação, ou melhor, as educações, ocorrem a partir de pedagogias culturais que são exercidas pelas mais diversas instâncias de dispositivos pedagógicos como as mídias, o cinema, a literatura, a religião dentre outros. Essas pedagogias são amplamente exercidas por artefatos culturais que circulam e perpassam as nossas práticas cotidianas nos interpelando sobre aspectos de nossas subjetividades. Um olhar atento deve ser lançado a esses artefatos, não com um objetivo moralista e simplista visando produzir discursividades que passam a negá-los ou a proibi-los do convívio das crianças, mas pensa-los com mais detalhamento para compreender seus processos educativos e de captura dos sujeitos infantis, para poder entender como operam e, com isso, elaborar estratégias para a discussão deles com as crianças para que possam também construir pensamentos para desconstruí-los na medida em que possam questioná-los, duvidando das certezas únicas que possam propagar.

As pedagogias culturais instigam-nos a pensar sobre o que está sendo produzido para a infância na atualidade e sobre como as crianças podem se apropriar de tais produtos mediante discursos e constituição de suas subjetividades. “Os artefatos culturais produzem significados, ensinam determinadas condutas às meninas e aos meninos e instituem a forma adequada e ‘normal’ para a vivência da sexualidade e da feminilidade ou masculinidade” (Xavier Filha, 2009, p.72). A autora cita formas de subjetivação relacionadas as sexualidades e aos gêneros, no entanto os artefatos educam e promovem modos de subjetivação em quaisquer formas de constituição dos sujeitos. Urge pensarmos sobre o que ensinam, como ensinam, que perspectiva de infância adotam e, sobretudo, como podemos problematizar essas formas de educar para pensarmos em estratégias para questionar seus possíveis efeitos.

Os artefatos culturais operam no sentido de construção de subjetividades porque pretendem educar as crianças nas redes de saber-poder visando capturá-las. Dornelles (2005) nos aponta questionamentos para pensarmos sobre as formas pelas quais pessoas adultas tentam, no decorrer da história, capturar as infâncias para tentar governá-las, na medida em que, “trata[m] da infância como produto de uma trama histórica e social, na qual o adulto que com ela convive busca capturá-la através da produção de saberes e poderes com vistas a seu gerenciamento” (p. 12). No entanto, a autora ressalta que as crianças, como seres sociais, escapam, buscam brechas nas relações de poder, produzindo resistências. Buscar entender esses processos de capturas e resistências é um dos objetivos de estudos no campo da Educação que buscam entender como as pedagogias culturais ocorrem e quais as estratégias utilizadas para capturar as infâncias, para podermos produzir resistências possíveis *para* e, especialmente, *com* as crianças.

Os artefatos culturais vêm sendo alvo de estudos e debates nas últimas décadas por serem potentes recursos dessas educações, desenvolvidas pelas pedagogias culturais, sobretudo daquelas que promovem formas de subjetivação de crianças. O presente dossiê tem por propósito pensar, discutir e problematizar sobre artefatos culturais na educação das infâncias. Os artefatos operam em processos educativos e curriculares visando produzir sujeitos em meio as pedagogias culturais. Pedagogias essas que ocorrem para além dos muros escolares e que possuem formas curriculares de educar. Analisar alguns desses artefatos e entender seus processos educativos será a tônica dos artigos do presente dossiê.

Apresentamos a seguir os textos que compõem essa coletânea. O artigo intitulado “Filmes de animação produzidos com crianças: múltiplos pensamentos no trabalho coletivo e colaborativo” de Constantina Xavier Filha visa descrever experiências realizadas em projetos em que filmes de animação são vistos e discutidos e, posteriormente, são produzidos em processos colaborativos entre crianças e adultos/as no Brasil e em Portugal. No texto podemos perceber estratégias que visam problematizar os filmes e também de

realizar processos educativos de resistências, a partir da produção coletiva de filmes de animação.

No artigo “Um gato, o escuro, a amora e uma anja preta: Para onde voa a imaginação no currículo dos livros de literatura antirracistas?” Raimunda Laura da Silva Santos e Danilo Araujo de Oliveira analisam dois livros de literatura - *O gato e o Escuro* de Mia Couto e *Amoras* de Emicida - para pensar a produção do conhecimento, saberes e verdades em livros de literatura antirracistas.

Cláudia Maria Ribeiro e Ila Maria Silva de Souza Mendes de Freitas em seu artigo “Borbulhando artefatos culturais em processos educativos numa pesquisa na educação infantil: Constituições de subjetividades de crianças pequenas” asseguram que “a criança como sujeito de direitos é um ser em constituição de sua subjetividade e consiste centralidade em nossas reflexões”. As autoras trazem a centralidade da infância para analisar experiências de educadoras e crianças da Educação Infantil. Os artefatos descritos e problematizados foram o filme de animação *Divertida Mente* e brincadeiras destacando a potencialidade da discussão sobre eles com as crianças.

A literatura para crianças como potente artefato cultural é analisada por André Freitas, Fátima Pereira e Paulo Nogueira no artigo “Narrativas de crianças entre produções literárias: reverso da subalternidade pela experiência educativa”. O objetivo foi de compreender a experiência educativa da literatura para as crianças como característica do conhecimento pessoal e da vivência de histórias significadas na escola, a partir da metodologia de narrativas biográficas de quatro crianças, estudantes dos primeiros anos do Ensino Fundamental, no Brasil e em Portugal.

O artigo “#SOUPRINCESASOUREAL: Produzindo e ensinando modos de ser menina e mulher no mundo” das autoras Bárbara Lina Martina Torres das Neves Formentin, Joanaliara Corpes Magalhães e Paula Regina Costa Ribeiro tem por proposta analisar três vídeos que compõem a Campanha #SouPrincesaSouReal da Disney, para discutir como os artefatos culturais desta campanha ensinam e (re)produzem determinadas formas de ser menina/ser mulher.

No texto “Problematizações entre masculinidades, infâncias e currículo de filmes de animação” os autores Thomaz Spartacus Martins Fonseca, Anderson Ferrari e Roney Polato de Castro, apresentam parte das discussões de uma pesquisa de doutorado em educação que investiga dois filmes de animação da Disney - Toy Story 3 e O Rei Leão, entendendo-os como artefatos culturais envolvidos na produção de masculinidades e infâncias, a partir da inspiração em referenciais dos estudos de gênero, dos estudos culturais de viés pós-estruturalista e dos estudos foucaultianos. O objetivo do artigo é problematizar as maquinarias discursivas que atuam na construção de masculinidades nos dois filmes de animação, analisando as pedagogias culturais colocadas em funcionamento nesses artefatos.

Em “Barbie e fenômeno da pinkização: um olhar para os artefatos culturais e o controle social de gênero”, as autoras Fernanda Theodoro Roveri e Daniela Finco, abordam o processo de pinkização e o controle social de gênero presentes no atual contexto cultural e educativo, um fenômeno social intensificado a partir dos artefatos culturais ligados à Barbie. Exploram os discursos midiáticos e suas estratégias de construção do papel da boneca, problematizando um processo que utiliza muitos artifícios para manter a ordem de gênero, uma ordem estritamente binária. Analisam esses artefatos culturais, assim como suas representações de valores e modos de viver, na constituição de feminilidades, assim como masculinidades.

No texto “YouTube e a produção das infâncias: um olhar para as questões de gênero”, a autora Bianca Salazar Guizzo busca analisar a partir de um canal do YouTube protagonizados por crianças quais representações de gênero, articuladas às infâncias, são veiculadas e propagadas. Metodologicamente foi realizada uma análise cultural a partir da perspectiva teórica dos Estudos Culturais pós-estruturalistas, valendo-se especialmente dos conceitos de representação e de pedagogias culturais. Os resultados apontaram que há reiteraões no que diz respeito aos scripts de gênero, mas também há rupturas, já que meninos e meninas têm a possibilidade de realizar ações e utilizar linguagens que são associadas tanto às feminilidades, como às masculinidades.

No texto “Livros que ajudam a pensar e a conversar - O olhar de professoras na Educação Infantil”, as autoras Bárbara Elyzabeth Souza Nascimento e Ana Brandão buscam explorar a seguinte pergunta: que livros podem ajudar crianças da Educação Infantil a exercitarem o pensamento crítico e criativo nas rodas de história? Conclui-se que as 11 obras selecionadas pelas professoras apresentavam boa qualidade gráfico-editorial e potencial para mobilizar o pensamento crítico e criativo das crianças com perguntas para as quais não há respostas prontas.

Bonnie Axer em “Produção curricular com as crianças - bilhetes, “whatsapp de papel” e as vivências com a escrita” reflete sobre as apropriações que as crianças fizeram do uso do chat no período de atividades remotas e síncronas, desenvolvidas no contexto pandêmico e como trazem isso para as práticas de escrita na escola, ressignificando as práticas de escrita, como perturbam a noção estática de currículo e, ao narrar a experiência desenvolvida numa escola pública, reflete sobre “os diferentes processos de aprendizagem e suas significações e produções concretas, partindo do pressuposto do que as crianças sabem. A perspectiva da criança foi assumida nas práticas pedagógicas, e não só a do adulto” defendendo o entendimento das crianças como curriculistas.

Vinicius Mascarenhas de Passos, Marcos Lopes de Souza e Diego Matos Araújo Mattos no artigo ““EU QUERO USAR, PAPAI!”: E quando a família presenteia o garoto com um vestido da Mulher Maravilha?”, a partir de um vídeo que repercutiu no Instagram em 2023, que mostra um menino de 4 anos feliz ao receber de presente do pai e da mãe um vestido de Mulher Maravilha, discutem as relações de gênero e sexualidade nas infâncias. Analisam a repercussão do vídeo, os comentários que, num contexto de avanço de um neoconservadorismo que se atém a uma cisheteronormatividade, o vídeo perturba a norma e, como concluem os autores, “este artefato se constituiu como desestabilizador dos conhecimentos produzidos sobre corpo, gênero e sexualidade, possibilitando novos olhares, inquietações e escutas.

Késia dos Anjos Rocha e Érika Cecília Soares Oliveira, em “Alianças intergeracionais no combate às censuras cisheteropatriarcais” discutem, no diálogo com obras de literatura infantil da autora estadunidense Jessica Love, analisam como a questão da “a idade cronológica se configura como elemento definidor de lugares e identidades sociais, ele não é o único” e daí, no que propõe pensar numa perspectiva interseccional e intergeracional, desestabilizar as estruturas normativas e pensar a proteção de infâncias plurais.

Em “LITERATURA FEMINISTA PARA CRIANÇAS: Uma *pedagogia outra* para ensinar feminilidades não hegemônicas” Maria Beatriz Vasconcelos e Maria Carolina da Silva Caldeira observam como o feminismo tem se inserido no campo da literatura infantil e destacam que “vemos emergir princesas desconstruídas e outros roteiros que divulgam performances de meninas e meninos reposicionados em relação ao habitual binarismo de gênero que estabelece padrões específicos para cada existência.” Daí analisam como o discurso feminista tem sido acionado e os efeitos que produzem nas obras literárias, e analisam como permitem pensar na contestação de normas de gênero e pensar em outras e múltiplas feminilidades.

Por fim, Rita de Cássia Frangella traz em “Processos educativos, cultura e educação - redesenhando o mapa no diálogo com Maria Elena Gonzalez Alfaya” a entrevista com a professora Maria Elena, da Universidad de Córdoba na Espanha, partir da conversa sobre o projeto “Córdoba com ojos de infância” realizado a partir da Red Infantil Escuela-Centro del Profesorado-Universidad/RIECU que articula docentes da Universidad de Córdoba em sua atuação com estudantes na formação de professores/as, o Centro de Formación Continuada del Profesorado e professores/as de Educação Infantil da Municipalidade de Córdoba, a partir da colaboração entre essas três instituições de formação de professores/as. Desse projeto se desdobra o “Mapa de Experiências Educacionais: Córdoba, com os olhos da Infância” que traz a produção das crianças no diálogo com as artefactos culturais da cidade de Córdoba, uma cidade que é tem 4 monumentos considerados Patrimônios da Humanidade pela UNESCO e que estão ligados à história da cidade marcada por

sua interculturalidade. Na conversa, a discussão sobre infância, diferença, cultura, diálogo são o mote de reflexões para pensar infâncias em suas potências, possibilidades, alteridades e como nos convidam, com suas indagações a inventividades na busca por mundos vivíveis mais justos e igualitários.

Como as crianças, com os debates reunidos nesse dossiê, também convidamos a todos/as/es a pensar diálogos com as infâncias, reconhecendo-as em suas diferenças e potências, como parceiros marcados não por sua menoridade, mas pela ousadia de transgredir e questionar normas, de abertura às criações outras. Com elas, ousamos pensar que redesenhar outras rotas para os processos educativos das infâncias é possível.

Referências

DORNELLES, Leni Vieira. **Infâncias que nos escapam: da criança na rua à criança cyber**. Petrópolis: Vozes, 2005.

MARCELLO, Fabiana de Amorim; FISCHER, Rosa Maria Bueno. Formas para pensar a pesquisa em cinema e educação. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 505-519, maio/ago. 2011.

XAVIER FILHA, Constantina. Sexualidade(s) e gênero(s) em artefatos culturais para a infância: práticas discursivas e construção de identidades. In: XAVIER FILHA, Constantina (Org.). **Educação para a sexualidade, para a equidade de gênero e para a diversidade sexual**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2009.

Recebido em: 15/08/2024

Aceito em: 29/08/2024

Publicado em: 30/08/2024